

AQUISIÇÃO DE PRIMEIRAS PALAVRAS: RESULTADOS DE UMA PESQUISA

Claudia T. S. da Silva¹

RESUMO: *O desenvolvimento lexical inicial de crianças entre 8 e 16 meses de idade é o foco deste trabalho. A partir de um estudo que adotou como metodologia de coleta o registro parental, 03 crianças soteropolitanas foram acompanhadas durante 9 meses. Com o objetivo de se verificar como se processa a aquisição lexical de crianças adquirindo o português brasileiro, a pesquisa aponta: os tipos de palavras que foram adquiridas, primeiramente, nos níveis da compreensão e da produção; a extensão de compreensão e uso – presas a determinados contextos ou referenciais – das palavras, seguidos da apresentação dos respectivos contextos; a ocorrência, ou não, de fenômenos como super e subextensões; e o ritmo de aquisição – média de palavras por mês.*

Palavras-chave: Aquisição de linguagem; Linguagem infantil; Desenvolvimento lexical inicial

1. INTRODUÇÃO

Crianças de diversas partes do mundo, imersas nos mais diferentes ambientes culturais e lingüísticos são capazes de adquirir uma língua. Para Pinker (2002), esta “universalidade da linguagem complexa [...] é a primeira razão para suspeitar que a linguagem não é apenas uma invenção cultural qualquer mas produto de um instinto específico”. No entanto, apenas com o auxílio de uma outra pessoa – que já possui esta capacidade e competência lingüística – é que esta capacidade inata é ativada. Esta outra pessoa geralmente é a mãe e é na relação mãe-filho que a língua emerge. Diversas são as pesquisas que tentam desvendar o mistério da aquisição da linguagem. Sabemos que o trabalho empreendido por um bebê no seu caminho rumo à sua língua materna não é tão simples: não há instrução formal nem nada que indique o real sentido daquilo que lhe é dito. No entanto, todas as crianças – salvo aquelas que possuem algum tipo de comprometimento central ou periférico – aprendem a falar.

O foco de nossa pesquisa é o processo de construção do vocabulário. Sabemos que a aquisição – ou aprendizagem – de uma determinada palavra não se resume apenas à aquisição de sua forma; envolve a aquisição de um conjunto de informações (sintáticas, semânticas, morfológicas) a respeito dessa palavra, além do conhecimento da cultura na qual palavras e sujeitos (falantes) estão inseridos. “Suco”, “biscoito”, “pão”, “olho”, “nariz”, “boca”, “chapéu”, “sapato”, “fralda”, “carro”, “caminhão”, “cachorro”, “gato”, “bola”, “boneca”, “copo”, “colher”, “escova”, “chave”, “luz”, “dada”, “mamãe”, “papai”, “bebê”, “cima”, “fora”, “abre”, “não”, “oi”, “tchau”, além de alguns sintagmas formulaicos como “que é isso” e “olha isso” são alguns exemplos de primeiras palavras mais freqüentemente atestadas por pais e pesquisadores em diversas partes do mundo (CLARK, 1979; PINKER, 2002). O presente artigo apresenta alguns dos resultados de uma pesquisa desenvolvida a respeito do desenvolvimento lexical inicial de crianças de 8 a 16 meses de idade adquirindo o português brasileiro. A escolha pelo tema deve-se ao fato de serem poucos os estudos a respeito deste tema e menores as informações a respeito do

¹ Professora Dra. Departamento de Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Email: claudia.tsobrinho@gmail.com. Autora

desenvolvimento lexical, em crianças adquirindo o português brasileiro, numa fase tão inicial. Para se ter uma idéia, grande parte dos materiais existentes no mercado para avaliação clínica nesta fase inicial, além de muitos livros infantis dedicados a esta faixa etária, limitam-se à tradução de materiais produzidos para avaliação e distração de crianças provenientes de outras línguas e culturas, dentre as quais se destacam a língua e a cultura norte-americana e espanhola. A necessidade de estudos nesta área se torna cada vez mais imediata já que existe o interesse em se investigar, através do cruzamento de dados de diversas línguas, as semelhanças e diferenças no processo aquisicional empreendido por falantes de línguas estruturalmente distintas – investigação esta que tem contribuído para o estudo da existência e da natureza de princípios operacionais básicos de desenvolvimento lingüístico. Ademais, a discussão a respeito de como universais cognitivos, entrada lingüística e métodos de avaliação influenciam e interagem no desenvolvimento lexical continua progredindo e necessita, cada vez mais, de maiores dados de diferentes línguas, comparando-se os diferentes métodos.

2. METODOLOGIA

Para conduzir a pesquisa, os pais foram instruídos a produzirem anotações em forma de diário, contendo informações a respeito do contexto de compreensão e de produção das palavras e informando a data da “descoberta”. Foi-lhes esclarecido que o propósito da pesquisa era investigar a compreensão e a produção das **palavras**. Esse esclarecimento foi de fundamental importância pois muitos pais confundiam o compreender a palavra, o conceito, uma abstração mental, com o fato de a criança ter contato com pessoas, lugares e objetos². Dessa forma, uma palavra podia ser anotada quando compreendida quando, ao ser questionada, a criança já era capaz de dar, de olhar, de procurar o objeto solicitado ou de realizar uma ação desejada. Para a produção, foi pedido que os pais anotassem palavras que a criança já produzia de uma forma consistente, i.e., freqüente e com algum significado, embora pudesse ser limitada a um determinado contexto. Não lhes foi solicitado que anotassem apenas as palavras que fossem foneticamente semelhantes ao padrão adulto e utilizadas da mesma forma que este padrão. Dessa forma, vocalizações idiossincráticas, porém freqüentes e compreendidas por aqueles que rodeiam a criança foram registradas. Foram fornecidos aos pais um caderninho e uma cartinha que lhes explicavam o propósito da pesquisa e o modo como proceder nas anotações. Além de informações a respeito do léxico, também lhes foi solicitado que anotassem informações a respeito do desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras.

Além do diário, as crianças eram visitadas em suas próprias casas. Inicialmente, as visitas eram mensais e, após os doze meses, passaram a ser quinzenais. Com o intuito de adquirir informações da forma mais natural possível, de acordo com o que foi dito na seção anterior, os pais não foram, em momento algum, induzidos a agirem de forma artificial e/ou programada, ou seja, a brincarem de algo por mim determinado, ou a conversarem sobre determinados objetos ou pessoas com seus bebês. O objetivo era tentar investigar, da forma mais transparente possível, o contexto sociolingüístico e interacional da criança e, a partir dali, verificar a veracidade das anotações realizadas. No momento em que precisava esclarecer alguma informação presente no caderno, como por exemplo, de que forma determinada palavra já estava sendo compreendida e/ou produzida pela criança, questionava os pais e estes, imediatamente, criavam situações para que eu pudesse comprovar a realidade registrada. No entanto, foram realizadas algumas

² Tal dificuldade é relatada e discutida em SILVA (2003).

tentativas mais objetivas no sentido de verificar a extensão dos ambientes de compreensão e/ou produção das palavras registradas pelos pais. Ou seja, foi elaborado um material, mais precisamente um fichário, contendo figuras de objetos já atestados como compreendidos e/ou produzidos, para verificar de que forma a palavra já tinha sido adquirida: se era compreendida apenas de forma presa ao contexto ou se o era de forma referencial. Essas tentativas não foram proveitosas, pois as crianças não se concentravam na atividade, não respondiam às perguntas e ao direcionamento dos pais³. Assim, uma alternativa para se verificar essa extensão foi a observação e o questionamento aos pais a este respeito.

O *corpus* dessa pesquisa encontra-se composto por 03 crianças residentes na cidade de Salvador, estado da Bahia. São crianças cujos pais possuem o segundo grau completo. Em dois dos sujeitos, um dos pais já possui o nível superior completo. Com exceção de uma criança, o sujeito 03 (S03), no início da coleta, todos estavam para completar os 08 meses de idade, sendo esta semana antecedente ao aniversário de 08 meses utilizada para explicar os propósitos e a metodologia da pesquisa aos pais⁴.

Os dados foram apresentados sujeito a sujeito e, em seguida, compilados mês a mês. Foram, na medida do possível, disponibilizadas informações sobre⁵:

- a. os tipos de palavras que foram adquiridas, primeiramente, nos níveis da compreensão e da produção. A classificação proposta por Benedict (1979) foi a adotada como ponto de partida, realizando-se as modificações necessárias (cf. Quadro 05);
- b. a extensão de compreensão e uso – presas a determinados contextos ou referenciais – das palavras, seguidos da apresentação dos respectivos contextos;
- c. a ocorrência, ou não, de fenômenos como super e subextensões;
- d. o ritmo de aquisição – média de palavras por mês.

3. RESULTADOS

Embora convivam com seus filhos por quase 24h, foi muito difícil para os pais verificarem a compreensão de palavras nos primeiros meses de vida. Essa dificuldade diminuiu por volta dos 13-14 meses, quando a criança já se encontrava mais responsiva. Foi muito difícil para os pais atestar a compreensão de palavras que não fossem aquelas referentes a ações isoladas e a objetos específicos – talvez por causa disso, a categoria dos “modificadores” tenha tido uma incidência tão baixa. Ainda assim, podemos colher dessa pesquisa alguns achados interessantes.

O presente estudo, assim como o estudo realizado por Gopnik e Meltzoff (1986), reforça a hipótese de que as primeiras palavras são utilizadas para dirigir o comportamento de outras pessoas, ou seja, para que elas satisfaçam algum desejo. São alguns exemplos:

³ A dificuldade em se coletar dados de crianças tão novas é também narrada nas teses de doutorado de SANTOS (2006) e SILVEIRA (2006).

⁴ Como me encontrava numa época em que não conseguia encontrar os sujeitos, indicaram-me a mãe de S03, então com 0;10 meses de idade, que demonstrou interesse em participar da pesquisa.

⁵ Para maiores detalhes e informações, confira tese inédita (SILVA, 2007).

- “mamãe” – produzido por S01 (0;8) quando queria ir para o colo da mãe;
- “dá dá” – produzido (0;8) apenas quando queria algo;
- “um um” – uma protopalavra produzida (0;10) por S02 sempre que desejava que sua mãe satisfizesse algum desejo seu. Por exemplo: produzia quando queria que a mãe cantasse, ao mamar; produzia quando chegava à janela e desejava que sua mãe chamasse Jéssica, a vizinha;
- “undê” – produzido (0;10) por S02 sempre que desejava que sua mãe lhe desse algo;
- “nana” – produzido (1;2) por S03 sempre que desejava comer bananas.

Para Gopnik e Meltzoff (1986), as primeiras palavras são utilizadas exclusivamente para dirigir o comportamento de outras pessoas, ou seja, para que elas satisfaçam algum desejo, e só depois são empregadas para comentar seus próprios planos – enquadrando-se na função comunicativa imperativa, pedido, proposta por Sachs (2000) – daí a grande ocorrência, na primeira forma de categorização, de palavras da categoria das “palavras de ação”. No entanto, embora essa função impere nesta fase inicial, a análise dos dados nos leva a crer que a função comentário pode aparecer concomitantemente (BARRET, 1993; GRIFFTHS, 1985) – como a análise dos dados de S03. Embora tenha sido acompanhada apenas a partir dos 0;10 meses, a análise dos seus dados nos mostra a grande preferência de S03 por dividir a atenção para objetos.

Em linhas gerais, esses achados corroboram informações mais recentes a respeito do desenvolvimento lexical inicial. Existe uma assimetria entre a quantidade de itens lexicais compreendidos e a quantidade de itens produzidos (BENEDICT, 1979; BARRET, 1973, 1986; BATES et al., 1997; HARRIS et al., 1995; SILVA, 2003) – por volta de um ano de idade, as crianças já são capazes de compreender aproximadamente 52 palavras; no entanto, só são capazes de produzir 15, atingindo a marca de 50 palavras em produção apenas a partir dos 16 meses de idade (Cf. Gráficos 01 e 02).

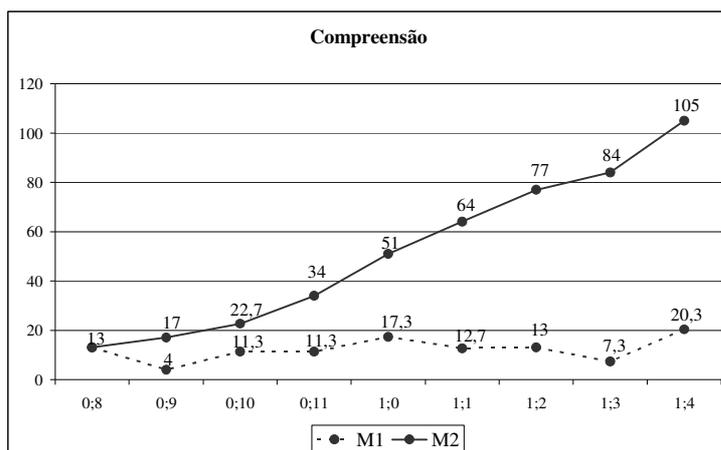


Gráfico 01 – Ritmo de desenvolvimento – compreensão

Legenda: M1 – Média mensal, não-cumulativa M2 – Média mensal, cumulativa

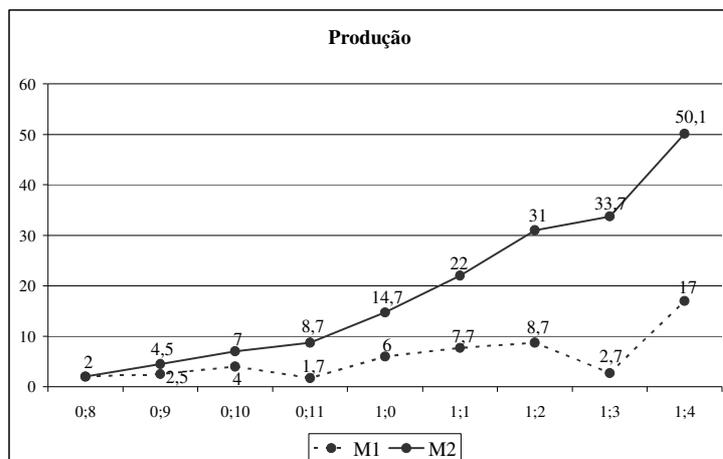


Gráfico 02 – Ritmo de desenvolvimento – produção

Legenda: M1 – Média mensal, não-cumulativa M2 – Média mensal, cumulativa

No que se refere às categorias lexicais, o grupo dos “nominais” predominou em todas as faixas etárias da amostra, seguido pelo grupo das “palavras de ação”. Essa predominância da categoria dos “nominais” reforça a afirmação de que são os substantivos que têm a probabilidade de serem mais aprendidos durante as díades interativas mãe-filho (TOMASELLO; FARRAR, 1984; BRUNER, 1983; HAMPSON, SHAW, 1993; SNOW, 1997). A categoria dos “nominais” e das “palavras de ação” também predominam no nível da produção. As subcategorias “objetos”, “pedidos e solicitações” e “nomes específicos” são as mais recorrentes. Confira os Gráficos 03 e 04 abaixo:

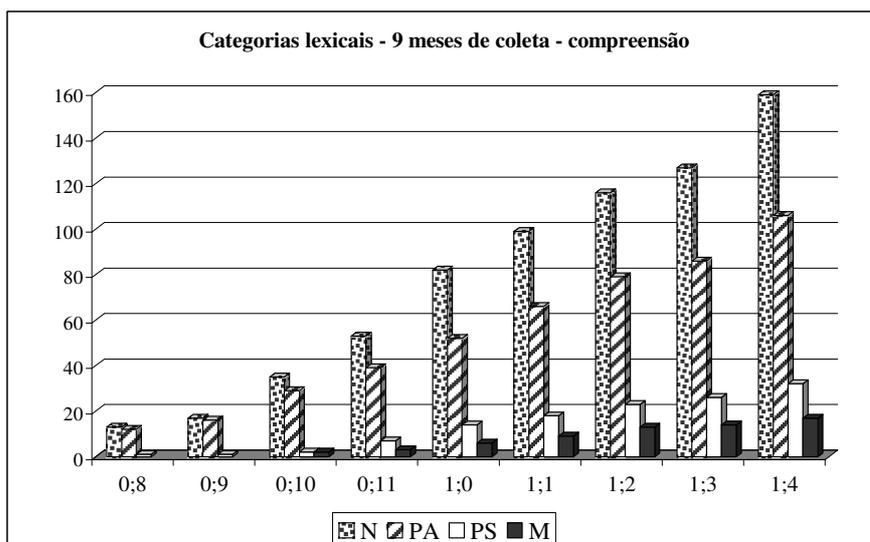


Gráfico 03 – Dados finais – categorias lexicais – compreensão

Legenda: N Nominais; PA Palavras de Ação; PS Palavras sociais-pessoais; M Modificadores

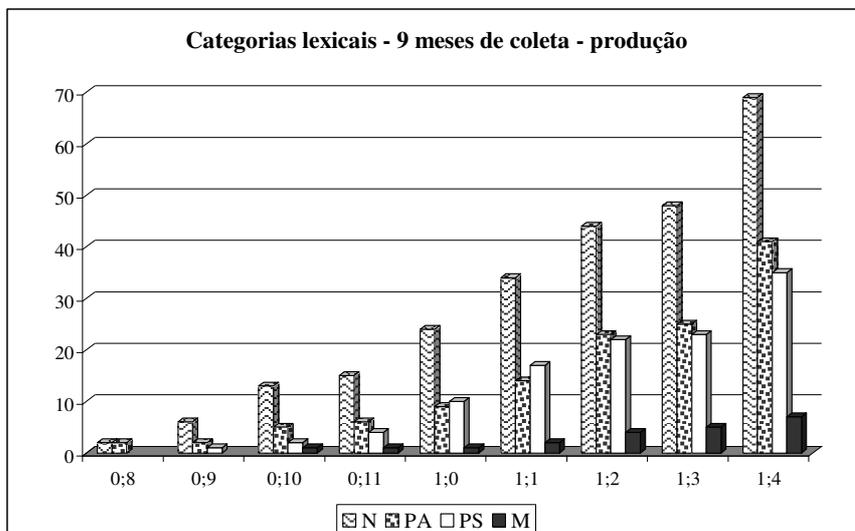


Gráfico 04 – Dados finais – categorias lexicais – produção

Legenda: N Nominais; PA Palavras de Ação; PS Palavras sociais-pessoais; M Modificadores

A produção de palavras presas a um contexto situacional ou lingüístico também foi freqüente. No entanto, a dificuldade de testar as anotações realizadas pelos pais, de uma certa forma, compromete o real percentual dessas ocorrências, assim como dos fenômenos da subextensão e superextensão. Apesar disso, acredito poder afirmar que o uso referencial pode surgir antes ou concomitante o uso preso a um contexto.

Um estudo comparando os dados provenientes da aplicação do *protocolo Palavras e Gestos do Inventário de Desenvolvimento Comunicativo (CDI)* e os dados provenientes deste estudo longitudinal mostra que, tendo em vista o fato de os pais terem sido melhor instruídos com relação ao modo de como e o que observar – além de estarem sendo acompanhados durante 9 meses –, os dados resultantes do estudo longitudinal parecem ser mais cautelosos do que aqueles resultantes da aplicação do CDI, no qual muitos pais confundiam a compreensão de palavras com o ter, o gostar do objeto e, na maior parte das vezes, superestimava a real capacidade de seus filhos. Os Gráficos 05 e 06 mostram a diferença, quantitativa, nas informações provenientes dessas duas pesquisas:

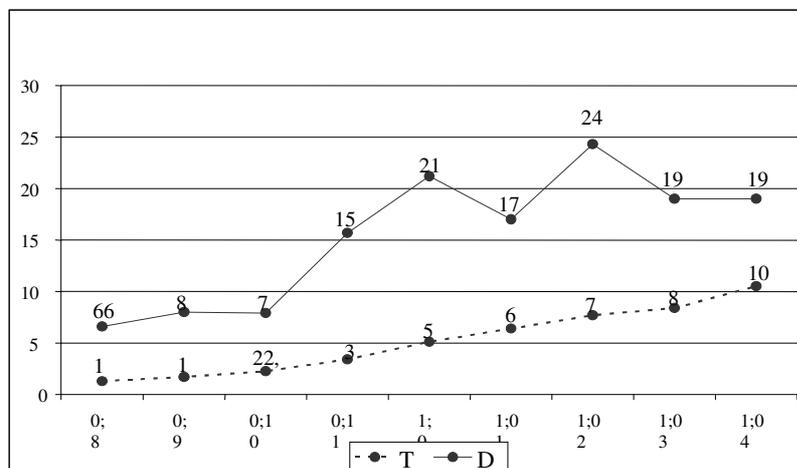


Gráfico 05 – Comparação dos dados do CDI (D) e do estudo longitudinal (T) – compreensão.

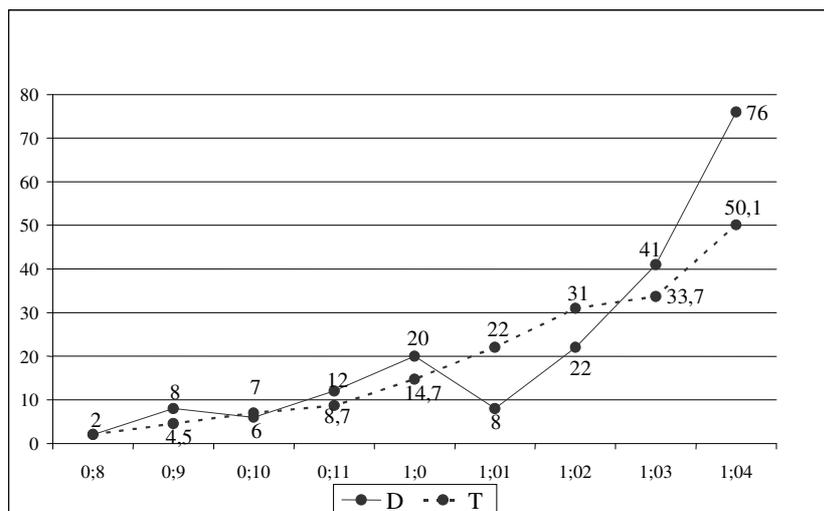


Gráfico 06 – Comparação dos dados do CDI (D) e do estudo longitudinal (T)

Podemos verificar, a partir da análise dos gráficos, uma acentuada disparidade entre os dados do CDI e do estudo longitudinal no nível da compreensão – o mais difícil de se verificar – e um relativo compasso no nível da produção – mais “fácil” de se observar.

4. CONCLUSÃO

A análise dos dados de cada sujeito nos leva a afirmar e a corroborar dados de outros estudos segundo os quais essas primeiras palavras referem-se ao “aqui e agora” (cf. CLARK, 1979; BENEDICT, 1979; BARRET, 1997, PINKER, 2000), além de serem aquelas aos quais elas (as crianças) são mais expostas, visto que fazem parte das suas rotinas diárias. Podemos afirmar que tais itens, recorrentes na fase inicial do desenvolvimento lexical em crianças adquirindo o português brasileiro, são semelhantes aos itens de crianças adquirindo a língua inglesa, confirmando especulações de estudiosos que acreditam que nesta fase inicial as crianças adquirem, basicamente, as mesmas palavras (cf. CLARK, 1979; PINKER, 2000). Assim, “biscoito”, “pão”, “olho”, “nariz”, “boca”, “chapéu”, “sapato”, “fralda”, “carro”, “água”, “cachorro”, “gato”, “bola”, “boneca”, “copo”, “chave”, “dá”, “mamãe”, “papai”, “bebê”, “cima”, “fora”, “abre”, “não”, “alô”, “tchau”, comumente registradas em diários parentais a respeito de crianças adquirindo a língua inglesa (CLARK, 1979; PINKER, 2002) também estão presentes no vocabulário de crianças adquirindo o português brasileiro. Tendo em vista o fato de as crianças que constituíram o *corpus* desta pesquisa serem provenientes da mesma classe sociocultural (pais escolarizados, residentes em centros urbanos, ocidentais) de crianças que compuseram o *corpus* de outras pesquisas, nesta fase inicial, as diferenças culturais aqui encontradas não foram significativas. No entanto, embora não tenham feito parte do *corpus* desta pesquisa, vale a pena deixar registrado um acontecimento interessante: duas crianças, residentes na cidade de Ipiáú, interior do estado da Bahia, tinham como uma de suas primeiras produções a palavra “bu”, i.e, “urubu”, animal bastante presente naquela cidade – o que reforça a idéia de que as primeiras palavras estão ligadas ao ambiente sociocultural.

Um *corpus* maior, abarcando todas as regiões do país, muito provavelmente, diminuiria a incidência de altos percentuais nesta faixa inicial de aquisição. Para aqueles que desejam

informações a respeito da quantidade de palavras compreendidas e/ou produzidas numa determinada faixa, ou sobre o ritmo de aquisição o CDI é um excelente instrumento. No entanto, além das limitações existentes e reconhecidas por seus elaboradores (BATES *et al.*, 1984 *apud* BATES; DALE; THAL, 1997, p. 89), para que este instrumento se torne eficaz em língua portuguesa, um estudo envolvendo uma quantidade maior de crianças se faz necessário, além de ser necessária também uma pesquisa que investigue este processo tendo como foco crianças provenientes de outras classes socioeconômicas.

REFERÊNCIAS

- BARRET, M. Early semantic representation and early word-usage. In: KUCZAJ, S.; BARRET, M. (Ed.) *The development of word meaning: progress in cognitive development research*. New York: Springer Verlag, 1986. p. 39-67.
- BARRET, M. Early language development. In: SLATER, A.; BREMNER, C. (Ed.) *Infant development*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1993. p. 211-241.
- BARRET, M. Desenvolvimento lexical inicial. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 299 – 322.
- BATES, E.; DALE, P.S.; THAL, D. Diferenças individuais e suas implicações para as teorias do desenvolvimento da linguagem. In: FLETCHER, P, MACWHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 87 – 130.
- BENEDICT, H. Early lexical development: comprehension and production. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n 6, p. 183 – 200, 1979.
- CLARK, E.V. Building a vocabulary: words for objects, actions, and relations. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. (Ed.). *Language acquisition: studies in language development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 149-160.
- GOPNIK, A., e MELTZOFF, A. Words, plans, things, and locations: interactions between semantic and cognitive development in the one-word stage. In: KUCZAJ, S. & BARRET, M. (Ed.) *The development of word meaning: progress in cognitive development research*. New York: Springer Verlag, 1986. p. 199-224
- GRIFFITHS, P. The communicative functions of children's single-word speech. In: BARRET, M. (ed.) *Children's single-word speech*. John Wiley & Sons, 1985, p. 87-111.
- HARRIS, M. *et al.* Symmetries and asymmetries in early lexical comprehension and production. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n. 22, p. 1-18, 1995.
- NELSON, K.; HAMPSON, J.; SHAW, L. Nouns in early lexicons: evidence, explanations and implications. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n. 20, p. 61-84, 1993.
- PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 333-378.

SACHS, J. Communication development in infancy. In: GLEASON, J.B. *The development of language*. Ally and Bacon, 2000. p. 40-69.

SANTOS, A.S. *O processo de simplificação dos ditongos durante a aquisição do português*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2001.

SILVA, C.T.S. Desenvolvimento Lexical Inicial dos 8 aos 16 meses de idade a partir do Inventário MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo – protocolo Palavras e Gestos. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2003.

SILVEIRA, K. Padrões intra-silábicos e inter-silábicos no português brasileiro: um estudo de frequência. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2003.

SNOW, C. E. Questões no estudo do input: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias. In: FLETCHER, P., MACWHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 153-163.